



XVII Encontro de Extensão Universitária da Universidade Federal de Campina Grande.
Extensão Universitária, Arte e Cultura: desafios e caminhos possíveis para indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão. De 11 a 19 de março de 2024.
Campina Grande, Patos, Sousa, Pombal, Cuité, Sumé e Cajazeiras, PB – Brasil.

GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO

Joelma Gomes Dantas,¹ Janylle de Sousa Alves, Ysla Maria Farias,² Ana Maria Oliveira dos Santos³, José Ádrio Debray Albuquerque dos Anjos Coêlho⁴, Emily Rawana dos Santos Silva⁵, coordenadora Rosemere Olimpio de Santana⁶

rosemere.olimpio@professor.ufcg.edu.br

Resumo

Entendemos que a escola é o principal espaço de construção das identidades, é dentro da escola que são representadas as categorias binárias de gênero e sexualidade. Questionar esses binarismos e problematizar outras maneiras de vivenciar as identidades foi a proposta desenvolvida pelo projeto de extensão: Gênero, Sexualidade e Educação. Trabalhamos com oficinas pensadas a partir de um aporte teórico queer e decolonial, bem como, considerando as dúvidas dos discentes do ensino médio de uma escola estadual na cidade de Cajazeiras.

Palavras-chaves: *Gênero; Sexualidade; Escola; Identidade.*

1. Introdução

Este trabalho tem como finalidade discorrer acerca das atividades desenvolvidas dentro do projeto Gênero, Sexualidade e Educação vinculado ao PROPEX/UFCG no Centro de Formação de Professores-CFP na cidade de Cajazeiras. Serão apresentadas as oficinas produzidas nas turmas de 1º ao 2º ano do ensino médio da escola ECIT Nicéa Claudino Pereira. O projeto teve como objetivos centrais focar nas discussões sobre gênero e sexualidade, buscando introduzir as temáticas relacionadas com a realidade e conhecimento prévio dos alunos.

O projeto “Gênero, sexualidade e educação” se propôs a discutir o processo de produção das diferenças e a instabilidade das identidades, tendo como foco os conceitos de gênero e sexualidade, no espaço escolar, com turmas do Ensino Médio. A principal finalidade foi estabelecer diálogos seguros com os discentes. Utilizamos os conceitos de alteridade, cultura, diferença, discriminação, diversidade, identidade de gênero, identidade sexual e mais alguns outros que também foram fundamentados teoricamente nas discussões acerca das teorias Queer e decolonial. A partir desses encontros, reforçamos a ideia de que o âmbito escolar é

um dos principais espaços de construção e repercussão da ótica binária de gênero e sexualidade estabelecida historicamente.

Os cursos que contemplam a licenciatura possuem dificuldades em desenvolver as temáticas de gênero e sexualidade dentro da sala de aula. Enxergamos a dificuldade encontrada pelos professores quando as situações se tornam insustentáveis, tanto com o machismo, quanto às outras práticas, como a homofobia e a transfobia. É notável que muitos docentes não se sentem preparados para lidar com tais questões, no entanto, não tivemos a pretensão de levar um modelo ou de mostrar como se faz, até porque é no cotidiano da escola e na escuta atenta que conseguimos entender melhor os processos de produção e partilha dos discursos sobre tais temáticas. Por isso, nos pautamos pelas leituras da pedagogia cultural com Guacira Lopes Louro (2004), entendendo que as estruturas formadas e instituídas precisam ser discutidas, problematizando as diferenças enquanto espaços desestabilizadores do padrão instituído pelos grupos privilegiados.

A partir desta perspectiva, ser professor na contemporaneidade, inclusive de História, perpassa pela desconstrução, seja de uma História que não tem mais a função de conscientizar, seja de um planejamento que não pretende apenas burocratizar o ensino, ou de um currículo que só determina conteúdos e legitima o ensino reproduzidor de relações sociais. É trabalho do professor abrir espaços que conduzam os discentes a inquietação e problematização para enxergar as estruturas construídas e formadas pelas sociedades do passado e presente. Pensando essas questões, este projeto buscou apontar territórios que possibilitem a inquietação e a desfamiliarização do presente, pelo educando, questionando quais são as identidades construídas através de um discurso que privilegia certa parte e submete a outra ao esquecimento e submissão, como foi o caso da construção da identidade da mulher e dos LGBTQIAPN+.

¹Estudantes de Graduação, UFCG, Campus Cajazeiras, PB. Brasil.

²Estudantes de Graduação, UFCG, Campus Cajazeiras, PB. Brasil.

³Estudantes de Graduação, UFCG, Campus Cajazeiras, PB. Brasil.

⁴Estudantes de Graduação, UFCG, Campus Cajazeiras, PB. Brasil.

⁵Estudantes de Graduação, UFCG, Campus Cajazeiras, PB. Brasil.

⁶Estudantes de Graduação, UFCG, Campus Cajazeiras, PB. Brasil.

2. Metodologia

O projeto de extensão Gênero e sexualidade na educação promoveu formações e debates semanais entre os participantes, bolsista e voluntários, onde foi discutido textos como "Ensino de história e temas sensíveis: abordagens teórico-metodológicas Teoria Queer- Uma política pós-identitária para a educação", "História da sexualidade", "Heterossexualidade compulsória e a existência lésbica", "Colonialidade e Gênero" e "Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. Ademais, realizamos oficinas com algumas turmas do ensino médio da escola ECIT Nicéa Claudino Pereira, exceto os terceiros anos.

Os encontros foram pautados na utilização de diversas linguagens culturais, como música, paródias, imagens, comuns aos discentes. É que nos ajudou no diálogo de questões como machismo, patriarcalismo, homofobia, feminismo e outras problemáticas. Escolhemos a elaboração de oficinas com o objetivo de proporcionar um espaço de reflexão, já que esse formato de aprendizagem, permitiu que os jovens ao ter contato com situações reais, seja através de fontes ou mesmo relatos, pudessem expor suas opiniões, confrontar com a de outros colegas e com direcionamento, também pudessem questionar ou reafirmar seus posicionamentos.

Antes de iniciar os encontros na escola, efetuamos algumas leituras com a coordenadora do projeto de extensão e a equipe, escolhemos o texto sobre Teoria Queer de Guacira Lopes Louro, no qual, foi possível discutir acerca do que seria Gênero e Sexualidade na perspectiva Queer. Ademais, dialogamos sobre qual seria a melhor metodologia para os demais encontros, inclusive pensando a abordagem na escola. Não tínhamos a intenção de chegar na escola com oficinas prontas sem conhecer os alunos. Por isso, elaboramos os formulários que seriam uma forma de saber a opinião dos mesmos. Pensamos questões fechadas e abertas onde não seria necessário a identificação nominal, mas perguntamos a identidade de gênero, orientação sexual, qual contato já tiveram com as temáticas de gênero e sexualidade, e como as definiam. Solicitamos também que os alunos escolhessem quais temas desejariam que o projeto abordasse, quais materiais didáticos gostariam que fossem utilizados para trabalharmos.

Os formulários foram pensados para obtenção do conhecimento prévio dos alunos, assim como realizar uma avaliação das necessidades temáticas destes. A partir dos encontros pela equipe extensionista, buscamos discutir qual a melhor forma de apresentar as questões sobre gênero e sexualidade no ambiente escolar, mas para isso seria preciso conhecer cada turma e quais materiais ou estratégias dariam mais certo. Ao analisar as respostas dos discentes percebemos que muitos poderiam até ter acesso aos conceitos ou ideias em torno do gênero e sexualidade, mas estas nem sempre chegavam aos mesmos pelo caminho reflexivo ou do conhecimento. Por exemplo, muitos confundiam o que era orientação sexual e identidade de gênero. Poderiam até ter acesso a algumas informações, mas nem sempre coerentes.

Então nosso primeiro movimento foi pensar uma oficina em que eles pudessem pensar o conceito de

identidade, por exemplo, a maioria dos alunos eram jovens, com ideais e sonhos permeados pelo presente, com suas angústias e medos, mas que nem sempre relacionavam seus sentimentos com o contexto social e cultural que viviam, nem com o passado.

Como não pensamos em uma metodologia fechada, e ao longo das oficinas com as turmas do primeiro e segundo ano, começamos a escutar falas mais problemáticas e preconceituosas. Isso nos levou a pensar que o posicionamento desse grupo não se dava necessariamente pela falta de acesso a conhecimento, mas por questões políticas, e pelo lugar de privilégio que muitos ocupam. Pensando nisso, decidimos mudar nossa estratégia e pensar as oficinas finais por temáticas que permitissem o questionamento do lugar de produção desses preconceitos, bem como, de suas ações. Recorremos assim, a mídia, por exemplo, propagandas, memes, músicas, seriados, vídeos diversos.

As oficinas foram organizadas a partir dos seguintes temas: Identidades e juventudes, O que sabemos sobre gênero e sexualidade?; Violências de gênero: Crimes homofóbicos, feminicídio, sexualização do corpo feminino; O que as mídias falam sobre gênero e sexualidade: pensando a música e as propagandas e Feminismo negro: Analisando a representatividade de mulheres negras em diversas áreas.

Todas as oficinas foram realizadas nas turmas do primeiro e segundo ano do ensino médio. Como a ECIT Nicéa Claudino funcionava em formato de rodízio, pois, o prédio oficial da escola está em reforma a quase dois anos, nos encontrávamos com cada grupo de alunos quinzenalmente, no entanto, estávamos todas as semanas nas escolas, para atender as turmas. Embora o tempo de cada oficina tenha sido muito pouco, acreditamos que temas relevantes foram debatidos, proporcionando que todos tivessem o direito de expor suas colocações se assim desejassem.

3 Ilustrações



Figura 1- Encontro para formação: Discussão para produção de oficina "Gênero, sexualidade e educação: O que sabemos sobre?"



Figura 2- Aplicação da oficina Gênero, sexualidade e educação: O que sabemos sobre?



Figura 3 - Aplicação da oficina Gênero, sexualidade e educação: o que sabemos sobre? Turma vestuário.

4. Resultados e Discussões

Como já apresentamos, a principal pretensão do projeto foi produzir ações juntamente com os docentes, mas tendo como público principal os discentes da escola. Neste caso, as ações foram pautadas em diversas atividades, como rodas de debates, exibição de curta-metragem, produção de material didático, análise textual e musical, filmes e séries, assim como análise de produções midiáticas, reportagens de sites e redes sociais.

Entendemos que a sala de aula é um dos principais lócus de elaboração das identidades, pensando nisto, foi ressaltado nos planejamentos das oficinas que deveríamos acima de tudo conhecer os alunos e as discussões que os envolvia no momento, quais eram suas

principais dúvidas e percepções sobre os conceitos de Gênero e Sexualidade. As respostas dos discentes analisadas, a partir, dos formulários, foi um ponto a se destacar, para pensarmos os resultados obtidos no projeto. Quando atuamos em espaços como a escola, não podemos falar de resultados quantitativos ou exatos, como se tratou de oficinas envolvendo praticamente 200 alunos, não temos como mensurar o que impactou ou não as discussões propostas. Mesmo assim, pensando em conhecer a opinião dos mesmos, reservamos um espaço de tempo para que pudessem falar ou escrever sobre a experiência acerca do projeto. A grande maioria elogiou, até mesmo os discentes que expressaram posições contrárias a algumas questões, como exemplo, os que criticaram o feminismo.

Ao fazer esse apanhado geral de nossas ações, entendemos que nem todos os objetivos foram desenvolvidos da maneira que idealizamos, pois tivemos dificuldades com horários disponíveis, poucos encontros, já que o prédio da escola estava em reforma a mais de dois anos, e sendo período integral, os alunos por falta de espaço, revezavam os dias em que podiam ir. Neste caso, tinha turmas que só encontrávamos quinzenalmente e apenas 45 minutos de oficina. Mesmo diante desses pontos, e tendo como parâmetro o formulário inicial que aplicamos, entendemos que os objetivos foram alcançados já que possibilitou o debate, a conversa, o conflito de opiniões e principalmente a reflexão sobre as temáticas elencadas.

Presenciamos várias falas dos discentes, afirmaram que as mulheres nasceram para as atividades domésticas, bem como, de um jovem branco, cis, defendendo a ideia de que os direitos coletivos não têm espaço em um mundo individualista. Mas, também presenciamos falas de denúncias, de desabafos e de posturas críticas com relação aos temas levantados. Acreditamos que as leituras que enfatizaram a interseccionalidade, possibilitou que esses grupos de discentes, pudessem rever ou reforçar seus conceitos de forma positiva.

Nesse sentido, foi objetivo desse projeto de extensão mostrar que as relações de gênero e sexualidade, longe de ser um fenômeno natural, são suscetíveis às influências sociais e culturais e que conhecer os variados contextos históricos em que mudanças aconteceram com relação ao comportamento sexual e social dos indivíduos foi uma experiência produtiva. Proporcionando o fortalecimento da relação entre a escola e a universidade, produzindo uma relação significativa para todos os sujeitos envolvidos.

5. Conclusões

Podemos concluir que, ao falar de gênero, consequentemente também discutimos sobre etnia, raça e identidade. No decorrer do projeto, foi possível questionar como produzimos espaços de representações e modelos normatizadores e como os mesmos foram criados, em grande maioria, por homens e pelos homens. Este projeto se propôs, e acreditamos que conseguiu, discorrer sobre o conceito de sexualidade além, da ótica binária. Propiciamos espaços de debates, embates,

conflitos, incomodo. Esse era nosso desejo, de alguma forma incomodar os discentes com relação ao que sabiam sobre gênero e sexualidade.

Consideramos, extremamente positivo a experiência, mesmo com os embates e dificuldades tecnológicas e de tempo. É possível concluir que proporcionamos o debate em torno de temas necessários, retirando-os da esfera do polêmico. Acreditamos que atuamos para uma educação mais igualitária, pautando na igualdade de gênero e em uma educação de qualidade.

6. Referências

BUARQUE, Heloísa de Holanda. Pensamento feminista hoje, perspectivas decoloniais. Colonialidade e Gênero. Bazar do tempo, p 51-77, 2019.

BUARQUE, Heloísa de Holanda. Pensamento feminista hoje, perspectivas decoloniais. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. Bazar do tempo, p 124-143, 2019.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. Revista Estudos Feministas, v. 19, p. 549-559, 2011.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. Revista estudos feministas, v. 9, p. 541-553, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. A necessidade da subversão: a teoria queer na educação. Estudos Feministas, v. 14, n. 1, p. 305-323, 2006.

MONTEIRO, A. M. F. C; PENNA, F. A. Ensino de História: saberes em lugar de fronteira. Educ. Real., Porto Alegre, v. 36, n.1, p. 191-211, jan./abr., 2011.

Agradecimentos

Agradecemos primeiramente ao Centro de Formação de Professores-CFP pela oportunidade e pela possibilidade da existência da extensão.

Somos gratos também pela professora coordenadora Dra. Rosemere Olimpio de Santana, que elaborou o projeto e proporcionou momentos inesquecíveis para os o grupo extensionista, trazendo uma ótima carga de leituras e teorias.

Agradecemos também a Escola ECIT Nicéa Claudino Pereira pelo suporte e colaboração no desenvolvimento das atividades, na figura do professor Benício, bem como, de todos os discentes que fizeram parte das oficinas.

Reconhecemos também a importância da UFCG pela concessão de bolsa(s) por meio da Chamada PROPEX 003/2023 PROBEX/UFCG.